

Thomas Mann
◊
A MONTANHA MÁGICA

Romance

Tradução de
Gilda Lopes Encarnação

6.^a edição





PROPÓSITO

A HISTÓRIA DE HANS CASTORP QUE NOS PROPOMOS CONTAR – NÃO EM FUNÇÃO DELE (já que será com um jovem simples, se bem que simpático, que o leitor irá deparar) mas em função da narrativa que nos parece ter um elevado grau de interesse (embora tenhamos de recordar, para fazer jus a Hans Castorp, que se trata da *sua* história e que nem todos têm a sorte de viver as mesmas histórias) – é uma história que se passou há muito tempo, estando já como que completamente revestida pela pátina do tempo, pelo que só poderá ser narrada no tempo passado mais remoto.

Em si, não se trata de nenhuma desvantagem para a história, podendo até ser vantajoso; é que faz parte da natureza das histórias pertencerem ao passado – poderíamos até dizer que quanto mais distante for esse passado mais as características particulares da história se afirmam e mais fácil se torna a tarefa do narrador, esse evocador sibilante do passado. Sucede, porém, com as histórias o mesmo que hoje se passa com as pessoas e, não por último, com os narradores: a sua idade é muito superior ao tempo vivido, não podendo ser calculada em termos de passagem do tempo ou de descrição de órbitas terrestres. Numa palavra: o seu grau de antiguidade não depende propriamente do tempo – uma afirmação que mais não pretende ser do que uma leve alusão ao carácter polémico e dúbio deste fenómeno misterioso e singular.

Mas não obscureçamos com artifícios factos que são claros como a água: o elevado grau de antiguidade da nossa história assenta na particularidade de esta se desenrolar num tempo anterior a uma determinada viragem e ponto limítrofe que abriram uma profunda cesura na vida e na consciência... Desenrola-se, ou melhor, desenrolou-se ou desenrolava-se – para evitar deliberadamente o tempo presente – outrora, antigamente, em tempos que

já lá vão, no mundo antes da Grande Guerra, essa guerra que deu origem a tantas outras coisas que mal saíram ainda do estado inicial. Desenrola-se, pois, antes dessa altura, se bem que não muito antes. Mas não será o carácter de antiguidade de uma história tanto mais profundo, perfeito e fabuloso quanto mais «recuada» no tempo ela se passar? Para além de que, e atendendo à sua natureza particular, é bem possível que a nossa história tenha algo a ver com o mundo fabuloso.

É com profundidade, rigor e minúcia que a iremos narrar – pois desde quando é que o prazer ou o tédio despertados por uma história são consequência do espaço ou do tempo que ela nos toma? Sem receio de sermos acusados de excesso de meticulosidade, tendemos antes a acreditar que só a minúcia pode produzir verdadeiro prazer.

Não será, pois, num abrir e fechar de olhos que o narrador conseguirá contar a história de Hans. Nem os sete dias da semana, nem sete meses do ano serão suficientes para tal feito. O melhor que ele tem a fazer é não tentar prever quanto tempo se manterá envolvido em tal projecto. Sete anos é que decerto – Deus nos valha! – não serão precisos!

Posto isto, demos, então, início à nossa narrativa.



PRIMEIRO CAPÍTULO

Chegada

EM PLENO VERÃO, UM JOVEM SIMPLES PARTIU DE HAMBURGO, SUA CIDADE NATAL, para Davos-Platz, no cantão de Graubünden. Ia de visita por três semanas.

Estamos a falar de uma viagem longa, de Hamburgo até essas paragens, demasiado longa, na verdade, se a compararmos com a duração da estadia. Há que passar por países de senhores diversos, subir e descer montanhas, desde o planalto do sul da Alemanha até à margem do lago Constança, atravessar de barco as suas águas agitadas e enfrentar desfiladeiros outrora insondáveis.

A partir daí, a viagem, que até esse momento se processara sem grandes dificuldades e em linha recta, começa a complicar-se com demoras e transtornos. Em Rorschach, território suíço, voltamos a tomar o comboio, mas só até Landquart, uma pequena estação alpina onde nos obrigam a fazer transbordo. Depois de longa espera ao vento, rodeados de uma paisagem sem grande encanto, lá entramos num comboio de via-férrea estreita. E é no momento em que a locomotiva, pequena mas surpreendentemente poderosa, começa a trabalhar que se inicia a verdadeira aventura desta viagem, uma longa e penosa escalada que parece não ter fim. É que se a estação Landquart se situa ainda, em termos comparativos, a uma altura moderada, entra-se agora, por escarpas agrestes e assustadoras, no verdadeiro coração da montanha.

Hans Castorp – assim se chama o nosso jovem – viajava sozinho numa pequena carruagem forrada de cinzento. A seu lado, uma mala de pele de crocodilo, presente do seu tio e tutor, o cônsul Tienappel – para que conste desde já mais este nome –, a manta de viagem dobrada e, baloiçando no cabide, o sobretudo. Sentado junto à janela aberta, subira a gola do casaco

leve de Verão, forrado de seda, largo e moderno. A tarde começava a arrefecer, como notava a sua alma sensível e mimada. Ao pé de si repousava uma brochura intitulada *Ocean Steamships*, à qual dedicara alguma atenção no início da viagem, mas que agora, abandonada sobre o banco, acumulava sobre a capa as partículas de carvão que a locomotiva ofegante soprava para dentro da carruagem.

Quando tomamos o fiacre para a estação, ainda nem sonhamos como dois dias de viagem nos poderão afastar da nossa vida de todos os dias – sobretudo quando se é jovem, quando as raízes na vida ainda são pouco profundas –, de tudo aquilo que acreditávamos serem os nossos deveres, os nossos interesses, objectivos e cuidados. O espaço que rodopia e se esfuma entre o viandante e a sua terra natal contém uma força que geralmente julgamos ser mero privilégio do tempo. As transformações que vai operando pouco a pouco no nosso íntimo assemelham-se muito às do tempo, sendo-lhe, porém, em certo sentido, superiores. À imagem do tempo, também ele produz esquecimento, mas fá-lo libertando-nos das nossas obrigações, transpondo-nos para um estado original – até o pedante e o filisteu ele consegue transformar, num abrir e fechar de olhos, numa espécie de vagabundo. Compara-se frequentemente o tempo ao rio Letes, mas também o ar de paragens distantes actua como uma poção mágica e, se o seu efeito é menos profundo, não será decerto mais lento.

O mesmo sucedeu a Hans Castorp. Não era sua intenção dar importância especial a esta viagem ou deixar-se envolver demasiado nela. A sua ideia era antes despachá-la com rapidez, porque tinha de ser despachada, e voltar tal como havia partido, retomando a vida no exacto ponto em que se vira forçado a abandoná-la por breves instantes. Ainda ontem estava completamente imerso nas suas preocupações habituais, ocupado com os acontecimentos mais recentes, os exames, e o que se avizinhava, a sua entrada na vida activa, na firma Tunder & Wilms (estaleiros, fábrica de máquinas e caldeiras), olhando com impaciência para as três semanas vindouras e dispensando-lhes tão pouca atenção quanto o seu carácter permitia. Sentia, contudo, que as circunstâncias exigiam naquele momento todo o seu cuidado e que não podia simplesmente virar-lhes as costas. A subida a regiões onde nunca penetrara e onde sabia subsistirem condições de vida de todo inusitadas e particularmente rarefeitas e precárias começava a inquietá-lo, a criar uma certa ansiedade no seu peito. Não era só o facto de a terra natal e a sua ordem natural terem ficado muito para trás, mas sobretudo a imensa profundidade que o separava delas – e a escalada ainda não terminara. Deixava que o seu pensamento pairasse entre a recordação do que lhe

era familiar e o desconhecido, ao mesmo tempo que imaginava como seria a vida lá em cima. Teria sido pouco prudente e sensato aventurar-se subitamente em regiões tão extremas, ele, nado e criado poucos metros acima do nível do mar, sem ao menos ter respirado os ares de uma altitude moderada? Ansiava pelo fim da viagem e sabia que, uma vez chegado às alturas, a vida seria como em qualquer outro sítio. Era a escalada que não lhe permitia esquecer aquelas paragens tão inóspitas. Espreitou pela janela: o comboio serpenteava por um desfiladeiro estreito, viam-se as carruagens da frente e a locomotiva que, no seu esforço, libertava nuvens de fumo castanhas, verdes e negras, que logo se desvaneciam. À direita, ouvia-se a água rumorejar nas profundezas, enquanto que à esquerda, entre rochedos, os abetos escuros erguiam os ramos para um céu cinzento da cor da pedra. Eram túneis negros como breu que surgiam e enormes precipícios que se abriam quando a luz voltava, deixando entrever, lá em baixo, pequenos lugarejos. Voltavam depois a desaparecer para dar lugar a novos desfiladeiros salpicados de farrapos de neve nas fendas e nas frestas. O comboio parava em algumas estações decrépitas, invertendo o sentido de marcha noutras terminais, o que confundia os passageiros, que perdiam a ideia da direcção em que viajavam e do ponto cardeal em que se encontravam. Os picos das cordilheiras, solenes e fantasmagóricos, chamando pelos visitantes, ofereciam vistas deslumbrantes, que logo o olhar reverente voltava a perder por entre sendas sinuosas. Se não estava em erro, pensou Hans Castorp, abandonava agora a região das árvores frondosas, bem como das aves canoras, e a ideia de que algo chegava ao fim e o deixava mais empobrecido causou-lhe uma leve vertigem e sensação de náusea. Por instantes, tapou os olhos com a mão. Sentia-se bem outra vez. A escalada chegara ao fim, o desfiladeiro havia ficado para trás, o comboio avançava agora tranquilamente através do vale plano.

Eram aproximadamente oito horas, ainda de dia. Ao longe, no meio da paisagem, surgiu um lago de águas pardacentas, as margens debruadas a pinheiros negros de pontas esguias, que se iam diluindo até deixar perceber a rocha árida e nebulosa da montanha em redor. O comboio parou numa pequena estação, era Davos-Dorf, como Hans Castorp ouviu anunciar lá fora, em breve estaria no seu destino. E, de repente, ouviu a seu lado a voz de Joachim Ziemßen, a voz serena do primo, na sua pronúncia de Hamburgo, que dizia:

– Viva, então não sais?

Era Joachim em pessoa, à espera no cais, mesmo por baixo da sua janela. Trazia um sobretudo de cor castanha, a cabeça descoberta, e tinha um aspecto mais saudável do que nunca. Riu e voltou a dizer:

– Vá lá, sai, não faças cerimónias!

– Mas se ainda não cheguei – retorquiu Hans Castorp, estupefacto, permanecendo sentado.

– Sim, já chegaste. Estamos na aldeia. Torna-se mais perto para o sanatório indo por aqui. Trouxe transporte. Dá cá as tuas coisas.

Rindo de perplexidade e de emoção pelo momento da chegada e do encontro, Hans Castorp entregou-lhe, pela janela, a mala e a manta de viagem, o sobretudo, a bengala e o guarda-chuva, e ainda a brochura *Ocean Steamships*. Saiu depois pelo corredor estreito e saltou para o cais para poder, por fim, cumprimentar pessoalmente o primo. O reencontro deu-se com contenção, como é próprio de pessoas de costumes frios e reservados. Por estranho que pareça, os primos sempre haviam evitado tratar-se pelo primeiro nome, pelo simples receio de uma intimidade excessiva. Como não se tornava, porém, prático, trataram-se pelo apelido, haviam-se decidido pelo tratamento por tu, o que se enraizara na sua relação.

Um homem de libré e galões no chapéu observava o encontro, o apertar brusco e algo tímido de mãos, a pose militar do jovem Ziemßen, aproximando-se depois para pedir a Hans Castorp a senha da bagagem. Tratava-se do porteiro do Sanatório Internacional Berghof que se oferecia para levantar a mala de viagem na estação Platz. Nesse meio-tempo, os primos podiam dirigir-se directamente para o sanatório, a fim de lhes ser servido o jantar. O homem coxeava bastante, o que motivou a primeira pergunta de Hans Castorp a seu primo:

– É um veterano de guerra? Porque coxeia daquela forma?

– Ora, pois! – respondeu Joachim com alguma amargura na voz. – Um veterano de guerra! Tem – ou pelo menos tinha – algo no joelho e tiveram de tirar-lhe a rótula.

Hans Castorp fez um rápido esforço de memória.

– Ah, sim! – exclamou, ao mesmo tempo que erguia a cabeça, olhando dissimuladamente para trás. – Não me vais, no entanto, dizer que ainda sofres daquela coisa. Quem te vê, fica convencido de que já usas galões e acabas de regressar dos exercícios militares.

Olhou, então, de soslaio para o primo.

Joachim era mais alto e corpulento do que ele, um exemplar perfeito da juventude em pleno vigor, de uma estatura como que talhada para a farda. A sua tez era muito morena, o que não raramente sucede num país de nativos louros, mas a exposição ao ar livre trouxera uma tonalidade brônzea ao rosto já trigueiro. Os olhos grandes e negros, o bigodinho escuro contornando os lábios cheios e bem moldados teriam criado uma compleição

perfeita, não fossem as orelhas salientes. Estas haviam sido, durante certo tempo, a sua única fonte de mágoa e desgosto. Agora tinha outras preocupações. Hans Castorp prosseguiu:

– Voltas logo comigo lá para baixo, não voltas? Não vejo nenhuma razão que o impeça.

– Voltar logo contigo? – perguntou o primo, fixando-o com os seus olhos enormes, esses olhos que sempre haviam sido meigos mas que naqueles cinco meses tinham ganho uma expressão cansada e até triste. – Logo quando?

– Bem, daqui a três semanas.

– Ah, é isso, nos teus pensamentos já estás a caminho de casa – retorquiu Joachim. – Espera algum tempo, acabaste de chegar. Para nós, aqui em cima, três semanas não é praticamente nada, mas para ti, que vens de visita, e apenas por três semanas, para ti deve ser imenso tempo. Adapta-te lá primeiro, o que não é assim tão fácil, como terás ocasião de perceber. E depois o clima não é a única particularidade deste sítio. Olha que te vais deparar aqui com coisas novas. E quanto a mim, não penses que anda tudo tão depressa assim. «Voltar para casa dentro de três semanas» – são mesmo ideias lá de baixo. É verdade que estou bronzeado, mas é sobretudo por causa da neve. Não quer dizer grande coisa, como Behrens gosta de lembrar. Ainda no último exame geral me disse que vou precisar muito seguramente de mais seis meses.

– Seis meses? Enlouqueceste? – exclamou Hans Castorp. Tinham acabado de sair da estação, que mais não era do que um barracão, e entrado no cabriolé amarelo, que os aguardava na calçada da praça. Quando os dois cavalos baios iniciaram a marcha, Hans Castorp, às voltas no assento de estofos rijos, insistiu, indignado:

– Seis meses? Mas se já cá estás há quase meio ano! Olha que não temos tanto tempo assim!

– Pois é, tempo – repetiu Joachim, assentindo com a cabeça, como que entregue aos seus próprios pensamentos, indiferente à indignação sincera do primo.

– Podes não acreditar, mas o tempo das pessoas não interessa aqui para nada. Vais ver, para eles, três semanas são como um dia. Ainda irás aprender tudo isto – disse. E acrescentou:

– Aqui, as coisas passam a ter outro sentido.

Hans Castorp continuava a olhar de soslaio para o primo.

– Mas a tua recuperação foi estupenda – comentou, meneando a cabeça.

– Também achas? – respondeu Joachim. – É verdade, só posso concordar! – disse, ao mesmo tempo que se endireitava no assento, voltando, contudo, pouco depois, à posição anterior.

– Estou, de facto, melhor – explicou – mas ainda não posso dizer que esteja bom. A pieira que dantes se ouvia na zona superior, à esquerda, passou a um simples som rouco, o que não é grave, ao contrário da zona inferior, que ainda está muito afectada. Para além disso, há ainda um ruído ao nível da segunda região intercostal.

– Sim senhor, tornaste-te um especialista – gracejou Hans Castorp.

– Uma bela especialidade. Que eu já teria esquecido com todo o gosto na vida militar – contrapôs Joachim. – Mas ainda tenho expectoração – acrescentou com um encolher de ombros, conformado e veemente ao mesmo tempo, que parecia nada ter a ver com ele. Do bolso de fora do sobretudo tirou a ponta de um frasco de vidro azul, chato e arredondado, com uma tampa de metal, que voltou de imediato a guardar.

– É uma coisa que quase todos nós aqui em cima usamos – disse. – Até ganhou um nome especial entre nós, uma alcunha muito engraçada. Estás a olhar para a paisagem?

Era o que Hans Castorp, com efeito, fazia, pelo que replicou:

– Fantástica!

– Achas? – quis saber Joachim.

Haviam seguido durante um certo tempo pela estrada paralela à via-férrea, ladeada aqui e ali de casas, no sentido do eixo do vale, voltado seguidamente à esquerda e cruzado a linha estreita do comboio, atravessado depois um ribeiro, encontrando-se de momento num caminho ligeiramente íngreme que conduzia a uma floresta escarpada. Voltado a sudoeste, erguendo-se num planalto pouco acentuado e estendendo-se pelo prado, divisava-se agora um edifício comprido com uma torre abobadada. A fachada, quando vista à distância, assemelhava-se a uma esponja, porosa e perfurada, tantas eram as varandas com as suas luzes acesas. Começava rapidamente a escurecer. O frágil pôr do Sol, que por momentos dera vida ao céu todo encoberto, já desaparecera. Na natureza vivia-se agora aquele melancólico estado de transição, pálido e exânime, que precede imediatamente o anoitecer. Nas povoações espalhadas pelo vale extenso e algo sinuoso surgiam as primeiras luzes, salpicadas pelo fundo do vale e por ambas as encostas laterais – sobretudo pela encosta da direita, mais ampla, com as suas casas construídas nos socacos. À esquerda, as colinas que flanqueavam o prado eram percorridas por carreiros que se perdiam na densa escuridão dos pinheirais. As montanhas mais ao longe, na extremidade do vale, onde este começava a estreitar,

A Montanha Mágica

ostentavam o azul sóbrio do xisto. Tinha-se levantado um vento que arrefecia o ar da noite.

– Não, para dizer a verdade, não a acho assim tão imponente – continuou Hans Castorp. – Onde é que estão os glaciares e as massas de gelo e as montanhas colossais? Não me parece que sejam assim tão descomunais.

– Sim, são descomunais – replicou Joachim. – Podes ver em quase toda a parte o limite das árvores, é uma demarcação nítida e impressionante, quando desaparecem os abetos desaparece tudo o mais, tudo termina, só ficam os rochedos, como vês. Acolá, à direita do Schwarzhorn, aquela ponta além, até tens um glaciar, consegues ainda ver a cor azul? Não é grande, mas é um glaciar como deve ser, o glaciar Scaletta. No espaço intermédio, ficam o Piz Michel e o Tinzenhorn, que daqui não se conseguem ver. Estão também sempre cobertos de neve, durante todo o ano.

– A neve eterna – completou Hans Castorp.

– Sim, eterna, se preferes. Não, há que admitir que são descomunais. Mas tens de ver que também nós estamos a uma altura descomunal. Mil e seiscentos metros acima do nível do mar. É por isso que as montanhas não parecem ter o impacto que têm.

– Pois, foi cá uma escalada! Ainda me assustei deveras, devo dizer-te. Mil e seiscentos metros! São cerca de cinco mil pés, se fizermos as contas. É a primeira vez na minha vida que estou num sítio tão alto.

Curioso, Hans Castorp inspirou profundamente, experimentando aquele ar desconhecido. Era fresco – e nada mais. Não tinha nem cheiro, nem substância, nem tão pouco humidade. Não dizia nada à alma.

– Excelente! – observou, cortês.

– Sim, este ar tem fama. De resto, não é das noites em que a paisagem está mais exuberante. Às vezes, causa melhor impressão, principalmente se houver neve. Mas acaba por cansar. Podes acreditar que todos nós, aqui em cima, estamos completamente saturados dela – explicou Joachim com uma expressão de repulsa nos lábios, que parecia exagerada e incontrolada e não lhe assentava, de novo, bem.

– Falas de um modo tão estranho – notou Hans Castorp.

– De um modo estranho? – perguntou Joachim com alguma apreensão na voz e voltando-se para o primo...

– Não, não é isso, desculpa, foi só uma sensação que tive por instantes! – apressou-se Hans Castorp a corrigir. Era na expressão «nós, aqui em cima» que pensava, que Joachim já utilizara por três ou quatro vezes e que lhe transmitia um certo sentimento de desconforto e de estranheza.

– O nosso sanatório situa-se num ponto ainda mais alto do que a aldeia, como podes ver – continuou Joachim. – Cinquenta metros. No prospecto dizem «cem», mas são apenas cinquenta. O mais alto de todos é o sanatório Schatzalp, acolá. Não se consegue ver daqui. De Inverno, têm de transportar os cadáveres de trenó lá para baixo, pois os caminhos ficam intransitáveis.

– Os cadáveres? Ah, pois! Mas olha lá! – exclamou Hans Castorp. E desatou, de súbito, à gargalhada, umas gargalhadas estridentes e irreprimíveis que lhe sacudiam o peito e que produziam na face contraída pelo vento agreste um leve esgar de dor.

– De trenó! E contas-me isso assim com toda a paz de alma? Sim, senhor, estes cinco meses transformaram-te num verdadeiro cínico!

– Mas não é cinismo – esclareceu Joachim, encolhendo os ombros. – Porque o seria? Aos cadáveres também tanto faz... Mas admito ser possível que nos tornemos cínicos aqui em cima. O próprio Behrens é também um velho cínico – um sujeito distinto, além do mais, membro de uma corporação universitária nos seus tempos de estudante e, ao que parece, um cirurgião brilhante. Vais gostar dele. E depois temos ainda o Krokowski, o seu assistente – uma boa cabeça. O prospecto destaca sobretudo a sua actividade: a dissecação da alma dos pacientes.

– Que actividade? Dissecação de almas? Mas isso é repugnante! – exclamou Hans Castorp.

E a partir daí foi incapaz de suster a sua euforia. Já não a conseguia controlar, a dissecação de almas fora a gota de água depois de tudo o que já ouvira. Ria perdidamente, de tal forma que as lágrimas lhe corriam pela face, apesar de, dobrado sobre si próprio, ter tapado os olhos com a palma da mão. Joachim ria também com gosto – o que lhe parecia fazer bem. E foi assim, em plena boa disposição, que os dois jovens saíram da carruagem, em frente ao portal do Sanatório Internacional Berghof, ao cabo de uma lenta subida por um caminho íngreme e tortuoso.

N.º 34

O PORTEIRO, UM CRIADO DE TIPO FRANCÊS, ENTRETIDO COM A LEITURA DOS jornais junto ao telefone do seu cubículo, situado logo à direita do edifício, entre o portão e o guarda-vento, envergando o mesmo modelo de libré cinzenta do carregador coxo da estação, veio ao encontro dos hóspedes e conduziu-os através do átrio bem iluminado. À esquerda ficavam os

salões, mas Hans Castorp encontrou-os vazios, ao espreitar para dentro quando por eles passava.

– Mas onde se meteram os hóspedes? – perguntou.

– É a hora de repouso. Eu é que tive dispensa hoje para poder ir à estação. Caso contrário, estaria também a repousar na varanda depois do jantar – respondeu o primo.

Foi por pouco que Hans Castorp não foi acometido de novo ataque de riso.

– Não posso acreditar: ficam deitados na varanda no meio da escuridão e da névoa? – inquiriu, a voz hesitante...

– Sim, são as regras. Das oito às dez. Mas vem daí, anda ver o teu quarto e lavar as mãos.

Entraram no elevador e o criado francês accionou o mecanismo eléctrico que o pôs em movimento. Enquanto subiam, Hans Castorp tentava secar as lágrimas.

– Estou completamente arrasado e exausto de tanto rir – disse, respirando pela boca. – Foram tantos os disparates que me contaste... Aquela da dissecação das almas foi o cúmulo, bem podias ter evitado. É que a viagem também me cansou um pouco. Também tens os pés frios? Ao mesmo tempo, sinto um calor tão intenso na cara, que desagradável! Vamos já jantar? Creio que estou com fome. Pelo menos as refeições são decentes cá em cima?

Os passos não se ouviam ao longo do tapete de fibra de coco que forrava o estreito corredor. As campânulas de vidro fosco do tecto emitiam uma luz ténue. As paredes, pintadas com uma tinta de óleo semelhante a verniz, eram de uma cor branca crua e brilhante. Surgiu uma enfermeira, de touca branca na cabeça e lunetas na ponta do nariz, o cordão enrolado atrás da orelha. Era obviamente uma irmã protestante, sem verdadeira vocação para o ofício, um ser de natureza curiosa, a quem o tédio inquietava e perturbava. Em dois pontos do corredor, colocados no chão diante das portas numeradas e lacadas de branco, viam-se alguns frascos em forma de balão, grandes e bojudos, de gargalo delgado. Hans Castorp esqueceu-se, num primeiro momento, de perguntar para que serviam.

– É este o teu quarto – disse Joachim. – Número trinta e quatro. O meu fica à direita e à esquerda mora um casal russo – gente um pouco negligente e barulhenta, há que dizê-lo, mas não havia escolha. Então, o que achas?

A porta era dupla, com cabides na cavidade intermédia. Joachim acendeu a luz do tecto. O quarto inspirava conforto e serenidade, na sua claridade trémula, com os seus móveis alvos e práticos, o papel de parede,

resistente e lavável, de cor igualmente branca, o chão, inócuo, revestido a linóleo, e as cortinas modernas de linho, bordadas com motivos simples e alegres. A porta da varanda estava aberta. Distinguiam-se as luzes do vale e ouvia-se, ao longe, música de baile. Num gesto de cortesia, o simpático Joachim havia colhido e colocado sobre a cómoda, numa pequena jarra, algumas flores do campo – flores que cresciam no prado ali por perto, algumas campânulas misturadas com aquileia.

– Muito gentil da tua parte – comentou Hans Castorp. – Que quarto agradável! Assim dá gosto passar aqui umas semanas.

– Anteontem morreu aqui uma americana – informou Joachim. – Behrens foi o primeiro a dizer que ela já cá não estaria quando tu chegasses e que o quarto poderia, portanto, ficar para ti. O noivo, um oficial da marinha inglesa, esteve à sua cabeceira, mas não se portou propriamente à altura. Saía a todo o momento para o corredor e punha-se a chorar como uma criança. E depois esfregava a face com creme, porque as lágrimas lhe faziam arder a pele escanhoada. A americana sofreu ainda duas graves hemoptises anteontem à noite e depois finou-se. Mas desde ontem de manhã que o quarto está desimpedido e depois é claro que o desinfetaram a fundo, com formol, sabes, dizem que é ótimo para estas coisas.

Hans Castorp ouvia a narrativa com uma aparente descontração. De mangas arregaçadas diante do amplo lavatório, com as suas torneiras de níquel reflectindo a luz eléctrica, lançou um olhar fugidivo à cama de ferro branco, de roupa impecavelmente limpa.

– Desinfectado, é sempre bom saber – observou. Enquanto lavava e enxugava as mãos, começou, numa loquacidade algo despropositada:

– Com aldeído metílico – H_2CO – nem a bactéria mais resistente escapa, mas provoca comichão no nariz, não é? Evidentemente que o asseio absoluto é uma das condições principais... – dissertava, no seu sotaque de Hamburgo, mais acentuado que o do primo, que fora perdendo, desde os tempos de universidade, a pronúncia da terra natal. E prosseguiu com grande virtuosismo:

– Gostava ainda de acrescentar... O oficial da marinha fazia provavelmente a barba com uma lâmina, é uma hipótese, claro está, e sabemos como é mais fácil lesar a pele com essas coisas do que com uma navalha bem amolada, é o que diz, pelo menos, a minha experiência, por isso vario entre uma coisa e a outra... E depois é evidente que a água salgada arde ao contactar com a pele irritada e possivelmente ele estava habituado a usar creme na vida militar, não me parece nada de extraordinário... – e assim continuou a sua prelecção, acrescentando que tinha na mala duzentos charutos Maria

Mancini, a marca que fumava – na alfândega não tinham levantado problema algum – e que vários conterrâneos lhe enviavam saudades.

– O aquecimento está desligado? – perguntou, de súbito, apressando-se na direção do calorífero para verificar a temperatura com a mão...

– A temperatura dos quartos é geralmente muito baixa – respondeu Joachim. – Teria de estar muito mais frio para que em Agosto acendessem o aquecimento central.

– Agosto, Agosto! – exclamou Hans Castorp. – Mas se estou cheio de frio! Estou gelado, pelo menos no corpo, já que a cara, essa continua a arder. Ora vê lá o calor que deita!

O contacto físico era uma ideia absolutamente alheia à natureza de Hans Castorp, uma ideia que o chocou a si próprio. Também Joachim não reagiu a essas palavras, contrapondo apenas:

– É do ar, não quer dizer nada. O próprio Behrens anda sempre de faces azuladas. Há quem nunca se habitue. Vá lá, go on, senão já não apanhamos nada para jantar.

Quando saíram, voltaram a encontrar a enfermeira, que os observava com os seus olhos míopes e curiosos. Mas foi no primeiro andar que Hans Castorp se deteve bruscamente, petrificado por um ruído deveras medonho que vinha de um canto do corredor, não muito longe dali. O barulho era abafado, mas de tal forma atroz que Hans Castorp esboçou uma careta e fitou o primo de olhos arregalados. Tratava-se obviamente de tosse – uma tosse de homem –, mas era uma tosse que não se aparentava a nenhuma outra que Hans Castorp tivesse ouvido na vida. Sim, comparadas com esta, todas as outras pareciam uma manifestação extraordinária e vital de saúde. Era uma tosse sem energia nem entusiasmo, que não sucedia a um compasso normal e mais se assemelhava a um débil e horrível remexer na massa da decomposição orgânica.

– Pois é – disse Joachim –, não está nada bem. Um aristocrata austríaco, homem elegante, como que talhado para a equitação. E agora está neste estado. Mas ainda anda por aí.

À medida que prosseguiam o seu caminho, Hans Castorp falava com insistência da tosse do cavaleiro.

– Tens de perceber – continuava – que nunca tinha ouvido nada de parecido, que é uma completa novidade para mim, pelo que é natural que esteja impressionado. Há tantas espécies de tosse, tosses secas e tosses soltas, dizem que a solta é mais saudável, melhor do que uivar daquela maneira. Quando tive tosse convulsa na minha juventude («na minha juventude» foram as suas palavras), uivava que nem um lobo, e ainda me lembro como